



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

## CAMILO E SARMENTO

Andam ligados estes dois nomes como autores do *Obolo ás creanças* — livro generosamente oferecido ao Real Hospital de Crianças Maria Pia e à Creche de S. Vicente de Paulo para fundo da sua escola —, colaborado por Joaquim Ferreira Moutinho, «três operários das letras: um que na carreira do bem-fazer é experimentado caminheiro, outro que nas letras conquistou há muito a cátedra de mestre e outro que nas investigações arqueológicas adquiriu com justos títulos o diploma de erudito», como notara, epilogando, Bento Carqueja. <sup>(1)</sup> Camilo dedicou a Martins Sarmento, pelo menos e ao que posso de momento verificar, duas das suas obras — *O Regicida*, «romance que afoutamente denomina historico», e onde há, como n'*A Filha do Regicida*, que o continua, quadros da mais comovente intensidade dramática, a scena do frade, no Convento

(1) Camilo escreve assim a Sarmento: «Meu amigo — Pedem-me do Porto que dê uns folhetins publicados em jornaes ultimamte a fim de se fazer com elles um livrinho que será vendido em proveito da Creche. Parte d'esses escriptos será os 3 art.<sup>os</sup> publicados nas Novidad.<sup>es</sup> com o pseudonymo de Fr. B. de Brito. O 2.<sup>o</sup>, e 3.<sup>o</sup> destes art.<sup>os</sup> não seriam percebidos sem os 2 que você publicou assignados F. Fagundes. Consente você que elles se publiquem juntam.<sup>e</sup>? E no caso affirmativo poderia o livro ter este frontispicio: Francisco Martins Sarmento | e | C. Castello Branco | Obolo para a creche (?) | Ou prefere que se não diga quem é F. Fagundes? Em todo o caso, se você permittir a reimpressão, ha de rever as provas porque os artigos teem erros typographicos. — Boa saude? — Eu quasi cego e paraplegico. — Do seu velho e grato am.<sup>o</sup> — Camillo Cast.<sup>o</sup> Br.<sup>o</sup>» — (*Cartas de Camillo Castello Branco a Francisco Martins Sarmento* — com prefácio e notas — por João de Meira).

O «Obolo» traz os nomes dos autores noutra ordem — Camilo, Sarmento.

de Vila Real, a que só o seu génio romântico e literário podia altear-se, e *No Bom Jesus do Monte*, uma peregrinação de saudades. Na primeira confessa-se de Sarmento «o seu amigo mais devedor e agradecido», à segunda acompanha-a uma carta, logo de principio muito affectuosa: «Se vossê, hoje, por volta de duas horas da tarde, subisse á espinha das serras que sobranceiam o seu magestoso palacio de verdura, e apontasse de lá o seu oculo para estas eminencias do sul, via-me n'um cabeço de outeiro, que chamam aqui o *castello de Vermoin*. No penhasco mais a pico me assentei, olhando por essas pradarias fóra, até onde a corda de sêrros me abalisava o horizonte, para além do qual se transmuntava o meu espirito a visitar Francisco Martins entre os seus milhares d'amigos — milhares de livros, quero dizer.» Ao terminar: «Este livro, que eu lhe dedico, tem muito com arvoredos. Fez-se a pedaços, ou a pedaços o coração o foi encaidernando nas florestas do Bom Jesus do Monte. A minha ambição é possuir uma arvore que me cubra com um pavilhão de folhas a casa de sete palmos, que heide comprar n'um cemiterio, onde os meus visinhos não tenham epitaphios que façam rir os visitantes. Não sei quando entrarei em negociações com o municipio ácerca d'esta propriedade: será quando o preço d'um livro me der para a sepultura e para a arvore. Um escriptor assim ambicioso em Portugal tem que esperar.» Há, neste mesmo livro, certas páginas — 1860 — que tocam um dos passos mais angustiosos da vida de Camilo: «Quando eu estava na casa de Francisco Martins, de Guimarães, em Briteiros, na raiz da serra da Citania, ensaiando forças para as solidões do carcere... (sempre que posso, trago estas recordações a moldê: não vejo outro geito de expiar a tolíce, se não confessando-a e relembrando-a). Vinha dizendo, quando eu estava em Briteiros, fui d'alli, na volta da serra, entrar na cumiada da montanha do Bom Jesus. Apenas apeamos, Francisco Martins, o voluntario quinhoeiro das minhas tristezas, e propheta de horrendas desgraças já agora realizadas...» E, mais adiante: «A saudade podia assim expressar-se, á puridade, com Francisco Martins, interprete de todas as lagrimas derivadas de glandula nobre. ...Que escura e triste coisa é a scien-

cia, ó Francisco Martins! ...O' meu caro Martins! eu ia fallar-lhe em lagrimas; mas, depois do *Nysten* não posso. Vossê é um homem com a alma de um anjo; mas, nos labios, tem um geito de rir satânico. Tenho-lhe medo agora; e não lh'o tive n'aquella tarde, no Bom Jesus, quando, sem pejo nem respeito de mim proprio, chorei...."

Perseguido por causa dos seus amores com Ana Plácido, Camilo, errando indeciso e angustiado, veio do Pôrto a Guimarães, e daqui foi a Briteiros recolher-se na quinta de Martins Sarmiento, daí para o Ermo (propriedade de J. Vieira de Castro, em Fafe); do Ermo torna às Taipas e das Taipas ao Ermo, passando em S. Torcato e na Cruz de Lestoso. Vai a Samardan. Por Amarante vem ainda a Briteiros visitando a Citânia e o Bom Jesus do Monte. — (*João de Meira* — Homenagem a Camilo Castelo-Branco). Alberto Pimentel, illustre escritor, amigo fiel e saudoso, o reconta em *Os Amores de Camilo e Romance do Romancista*. Mas o próprio Camilo, dolorosamente rindo e desfiando a alucinação do seu sentimento aventureiro e desgraçado, se demora a recordá-lo no discurso preliminar das *Memorias do Carcere*. «Vi lá em baixo, entre florestas e jardins, o berço da monarchia, a faustuosa cidade que teve academia de sabios, que rivalisava com as mais graduadas, em seu tempo na capital. Nada me lembrou de Guimarães, ao descortiná-la por entre a abobada do arvoredado, senão que alli haveria um leito onde eu encostasse a cabeça esvaída de febre. Nem sequer me ocorreu que as mais lindas mulheres, que um viajante francez encontrara na península, eram de Guimarães; e que, n'uma aldeia d'aquelles arrabaldes, tambem ao senhor A. Herculano se depararam as mais formosas.» Pernoitou na hospedaria da Joaninha, mulher «d'uma velhez repellente...: a sua casa é um pantano de miasmas», os leitos bichosos, o repasto «cousa que puxa pelo estomago, e o desmancha...» «Não vi onde encostar a cabeça febril, e lembrou-me que tinha alli um conhecido, um poeta, um homem de existencia amargurada. Procurei o conhecido, e achei um amigo, como usam raramente ser os irmãos, em Francisco Martins. Déra-m'o a Providencia. Os infelizes todos teem uma. Deus sonda

os corações; doe-se dos que expiam culpas suas; e desce até elles, na imagem de um homem, quando todos os abandonam.» Parte, no dia seguinte, para as Caldas das Taipas: «esperar que Francisco Martins me lá desse um leito em sua casa, e um talher á sua mesa. Este remanso deu-me alma para ir de rosto contra os novos trabalhos. Francisco Martins consolava inadvertidamente contando desgostos incommensuraveis da sua vida, tão em principio ainda. Entretinha praticando em cousas de litteratura amena, que a tem copiosa e variada. O meu quarto estava abastecido de bons livros, em que prelevavam classicos portuguezes, e os mais laureados romances da epoca.» Denunciado — «o criminoso é facil de conhecer, porque tem buracos na cara» — vai para a quinta de Vieira de Castro, donde torna «outra vez para as Taipas, a visitar Francisco Martins». Foi a S. Torcato visitar o santo e chega: «a uma chan, onde estava arvorada a cruz de Pedra, chamada a *cruz de Lestoso*. O meu barbeiro rezou um *Padre nosso* por alma de um pintor vimaranense, que alli fôra assassinado poucos annos antes.» De Fafe a Vila Real, daqui á «aldeia de infancia», Amarante, Régua e, ao anoitecer de um dia, parte novamente para Guimarães. «A meia legua das Taipas, tem Francisco Martins uma quinta, chamada de Briteiros. Na casa magnifica da quinta vivia um par de conjuges decrépitos, antiquissimos criados de paes e avós do meu amigo. A extensão de salas, camaras, corredores em longitude e forma conventual, de tudo me senhoreei. Escolhi o quarto, cujas janellas faceavam com um recortado horisonte de arvoredos, e a cumieira chan d'um serro onde se divisam as reliquias de antiga povoação, que lá dizem ter sido Citânia, cidade de fundação romana. Algumas horas alli passou comigo Francisco Martins; mas o maximo dos dias e as noites vivi diante de mim proprio, na soledade d'aquelle quarto, ou em perigosas excursões á serra sobre um cavallo, que parecia vezado a passear sobre alcatifas.» Amanheceu um dia entre as ruínas da Citânia e visitou (como em outro livro relembra, e já se disse) o Senhor do Monte, na companhia do amigo, trazendo de lá «peçonha de saudades.» Era em 1860. Camilo apparece no Pôrto ao mear Setembro dêsse ano — no 1.º de

Outubro entra para uma «das masmorras altas da Relação.»

Amiudadamente, nas suas obras, se encontram referências a Sarmento: à amizade unese, em Camilo, a consideração pelo erudito e pelo investigador. Nos *Esboços de apreciações litterarias* (Pôrto, Moré: 1865) aprecia um volume de versos que Sarmento publicara (*Poesias*, 1865), àcerca do qual o Dr. José Sampaio, advogado notável e irmão do ilustre Alberto Sampaio, escrevera: «A feição das *Poesias* é essencialmente romântica. Cantam com uma forte paixão os pesares da alma: a attitude, a da época — os cabelos esparsos ao vento, as mãos crispadas pela desesperança. Mas não é um canto de mera imitação ou de fantasia especulativa: conhece-se através dêsses versos ardentes e, por vezes, irónicos a história da alma do poeta naquela época da vida. A fôrma, essa é aqui ou ali um tanto incorrecta, como devera acontecer numa obra dos 23 anos, se bem que não falem versos torneados e cadentes. Mas se há na forma ligeiras incorrecções, há no fundo um estro vigoroso, uma elevação tal de pensamento que distingue o autor da vulgaridade dos poetas sem alma, e que denuncia enfim um robusto talento.» O estudo, no mesmo livro, em que Camilo trata de Coelho Louzada e Soares de Passos é em carta a Sarmento. Pouco depois (1856), dedicou-se Martins Sarmento a folhetinista: *Tres dias em Guimarães* (no jornal o *Vimaranense*, onde voltou a colaborar em 1859 — *Zigues-Zagues, Um punhado de verdades*) e polemista, com vigorosa erudição, sólida cultura, claro desassombro (no mesmo jornal: *As biblias protestantes, A Santa Inquisição, os Frades, Delenda Cartago, Vejam e meditem, o protesto do snr. Padre Casimiro*, além de outros no jornal *A Religião e Patria*), artigos assim classificados pelo mesmo distinto biógrafo: «São um modelo do género. O Sr. Sarmento está aí perfeitamente à sua vontade. Toma as questões com firmeza, agita-as habilmente em todos os sentidos, e ao passo que discute deixa-nos ver, sem pretensões imodestas, os seus vastos conhecimentos definindo perfeitamente as suas ideias e convicções dum liberalismo ilustrado e ao par do movimento social de sua época» (*José Sampaio*: Francisco Martins de Gouveia Moraes Sar-

mento) — e assim é. De 1868 por diante, e creio que até à questão «Sêcco» em 1872, e como já fizera em 1856 e 1859, Sarmento velava de perto pelo *Vimaranense*, interferindo na redacção. No jornal de uma sexta-feira, eram 3 de Março de 1871, insere em folhetim — *Em vinte annos!* — (romance) assinado por C. Castello Branco (IX ano, n.º 673), publicação que se estende por mais três números (veni a findar no 676, faltando à colecção da Sociedade, que tenho presente, o 675). Sou levado a imaginar que Camilo o cedeu, em primeira mão, ao seu amigo Sarmento e que o jornal de Guimarães se poderia honrar com essa colaboração, então original, do grande escritor, pois que, naquele mês de Março de 1871, Camilo escreve a Sarmento perguntando: «O periodico foi suspenso? Ha 15 dias que o não recebi nem vi a conclusão do romancinho. Peço-lhe que dê ordem para que m'o remetam se elle não terminou.» (*Cartas de Camillo Castello Branco a Francisco Martins Sarmento* — com prefácio e notas — por João de Meira). O que já se me afigura suficientemente claro. O romancinho é encadernado no volume — *Quatro horas innocentes* — (Lisboa, Campos Junior, 1872), anotulando Henrique Marques na sua *Bibliographia Camilliana*: «suponho que todos estes artigos ou noticias (compreendidos ali) haviam sido já publicados em diversos jornais; não o afirmo, porém, senão na parte em que tenho absoluta certeza, e dá-se isto com a *Celestina*, romance que veio publicado em folhetim do *Primeiro de Janeiro*, n.º 6, de 8 de Janeiro de 1871, e *Pataratas em 1858*, versos que vieram publicados em vários números de *O Mundo Elegante*, em 1859.» Acrescente-se, a essa informação, a do folhetim no *Vimaranense*. Para mim, pelo que aduzi, creio que foi mesmo aí publicado a primeira vez.

Em carta (datada de Seide em 18-9-79) dizia Camilo a Sarmento: «Cá vi o habito de S. Thiago nas folhas; e vi tambem o seu sorriso rabelaiço.» Nos *Echos Humoristicos do Minho* (Carta ao «Cruzeiro», jornal do Brasil, Pôrto, Chardron, 1880), e logo ao 1.º n.º, trata de espaço a desbiliosa questão. «As condecorações, as condecorações em Portugal! No Brasil deve saber-se que existe em Guimarães um homem

que a expensas suas, trabalha ha doze annos na exhumação de uma «cidade» celtica ou phenicia. E' Francisco Martins de Moraes Sarmiento, homem rico, um estudioso indefesso e archeologo irrealisavel. Em Hespanha, França, Inglaterra e Allemanha são conhecidos os seus trabalhos da Citania e reproduzidos os exemplares das escavações, acompanhados da sua profunda critica, muito assignalada pela modestia com que o doutissimo explorador se apresenta.» E conta que o Marquês de Sousa Holstein quisera surpreender Francisco Martins com a comenda de S. Tiago no banquete por êste oferecido, na Citânia, aos sábios que a visitaram: «O rei talvez ignorasse que nos arrabaldes de Guimarães havia um escavador de ruínas maiores de dous mil e quatrocentos annos; e o ministro duque d'Avila e Bolama, respondeu que não reconhecia no protegido do marquez de Souza meritos relevantes para commendador.» Cobre de ridículo — o sarcasmo camiliano — o ministro e lembra que, mais tarde: «Francisco Martins passou pelo asco de ter de rejeitar a graça que lhe vendiam por quatro ou cinco duzias de libras.»

Muito ignorantão parafusava das «cabouqueiras» e fadigas investigações de Sarmiento «madureza de homem rico», quando êle foi um tam profundamente culto e genial como desinteressado arqueólogo, empregando muito dos rendimentos nas suas pesquisas, publicações, trabalhos e hábitos de uma rarissima erudição a ponto de queixar-se de que não podia lutar: «com explorações em tal escala as forças da bolsa de um particular, que — já me tarda dizê-lo — não é tão abastado como o inculcam alguns adjectivos impertinentes.» (*Observações á Citania*).

Devem ser também muito interessantes — que pena tenho em as não poder trasladar, agora, para aqui... — as cartas de Sarmiento a Camilo. Fala em archeologias, do Avieno, dos celtas e dos lígures, da sua Citânia, nas faltas dos livreiros, que lhe não remetiam a tempo os livros pedidos, aconselha-lhe o tratamento dosimétrico, a procurar o médico Freitas, de Ponte do Lima «e que, em Vizella, o Doutor o informára de que o seu amigo Camillo tinha um exgotamento cerebral, que se curava com algum repouso mental e muito

phosphoro» (1884-Agosto), agradece-lhe as referências amáveis num artigo no *Diário da Tarde*, tece elogios às obras recebidas do grande romancista (*Camillo Homageado — O Escriptor da Graça e da Belleza*). Por seu lado Camilo, diz-lhe que vai ler a *Citânia*: «Agora, sim, leio com confiança. Ouvi fallar n'um incendio que devorou a barraca das maquinas photographicas! O seu cigarro continua a destruição do Almansor» (Sarmiento devorava cigarros); refere-se aos *Lusitanos*: «O seu opusculo está tão sobriamente erudito e tão modestamente triumphante sobre o preconceito do nosso celtismo, que não parece escripto por um portuguez. E por isso m.<sup>mo</sup> agouro-lhe uma ovação de silencios que o hade estimular a escrever outros»; à *Ora Maritima* (Pôrto, 1880. Teve 2.<sup>a</sup> ed., Pôrto, Tip. Teixeira, 1896): «você interpreta os mythos d'Avieno; eu escodeio o Alexandre da Conceição. Somos ambos necessarios á harmonia do Cosmos» e aos *Argonautas* (Pôrto, Tip. Teixeira, 1887), lamentando não o poder ler por falta de vista: «Se a readquirir será o primeiro que leia», e, mais tarde: «Já não lerei o seu livro das 300 pag., meu caro amigo»; queixa-se das suas doenças, das suas desgraças domésticas e troca da sua própria obra! (Cartas cit.). Do 2.<sup>o</sup> volume dos *Narcoticos* (Pôrto, Clavel & C.<sup>a</sup>, 1882) recordaremos dois artigos: *Citania* (por Emilio Hübner, Professor da Universidade de Berlin, Tradução de J. V.): «O Professor Hübner está áquem dos investigadores portuguezes que escreveram ácerca da *Citania*, desde que o snr. Francisco Martins de Moraes Sarmiento submetteu á opinião dos doutos as suas investigações.» e *Observações á «Citania» do snr. Doutor Emilio Hübner*, por F. Martins Sarmiento (Pôrto, Tip. Teixeira, 1879), onde o sábio vimaranense é de novo apontado como estudioso, versadíssimo, cheio de paixão e moderado em expor opiniões suas.

São conhecidos estes factos, mas era nosso dever hoje, quando, a-propósito do centenário do nascimento de Camilo se procura elevá-lo no «conceito público» como se, de há muito e cada vez mais acentuadamente, êle não estivesse consagrado na admiração das mulheres de Portugal, que choraram sobre as suas páginas, e de todos nós que temos livros, recordá-los aqui,

como a mais afectiva associação desta *Revista* e da *Sociedade Martins Sarmiento* ao nome glorioso. Camilo visitou muito Guimarães, viveu algumas horas de ex-cruciação dentro de «essas muralhas de verdura gigante que rodeiam a destemida aviltadora do condestável Duguesclin», conheceu a sua fisionomia antiga, o seu viver laborioso e burguês, a genealogia de algumas casas ilustres (como a da Azenha e as com ela aparentadas, a que êle se refere em artigo sôbre os descendentes do Dr. António Ferreira), de Guimarães trata em vários dos seus livros, criando uma bela figura de idealismo simbólico, o Guilherme Nogueira da *Viuva do Enforcado*. Aqui teve dois grandes amigos, um em vida — Sarmiento, outro depois de morto — João de Meira, que o estudou e amou profundamente, lhe coligiu o vocabulário e, contra a afirmativa de Fialho, conseguiu mais do que imitá-lo — re-incarná-lo no *Eusébio Macário em Guimarães*.

Os velhos fiéis, mais atidos e menos clamorosos, ficam ainda esperando a comemoração digna do seu génio — um estudo crítico da sua obra complexa, à Moniz Barreto, e para que nos parece singularmente indicado Ricardo Jorge, e uma edição completa e definitiva, como a que se realizou em França no centenário de Flaubert.

E venha ponto — que já me ocorre aquella sua frase: «Os *Genios* sabem demarcar entre a gloria e a irrisão. Assim que as fumaças do nardo lhe disparam em fumigações de assa-fétida, escondem o nariz.»

EDUARDO D'ALMEIDA.